

Buenos-Aires, 7 de fevereiro de 1933

NUPERGS - FICH/UFAGS  
N.º 202  
N.º 419

Caro Mario Amaro

Embora não tenha nenhuma carta, sua vontade é aproveitar o portador seguro, que já há de outras vezes se me serviu para uma ligeira troca de ideias e me vê como o

Estamos continuando nos nossos esforços, que, por lei nos para nós, que estamos nome estrangeiros, e de servir com com desesperante lealdade. Ao mesmo tempo, os informes cessam nós chegados de diversos pontos do estado confirmam as informações otimizadas enviadas daí, relativamente ao movimento eleitoral. Isto explica a atitude pacifista tomada por vossês. Seria, com efeito, um crime pensar em revolução, quando se pode vencer uma eleição e desta poder ter efeitos decisivos sobre a vida do país. Nada melhor poderia haver, com efeito, do que poderem o Brasil, e principalmente, no Rio Grande, retomar o seu caminho, mediante um simples pleito eleitoral, por mais arduo que fôsse. Nenhum espírito sã e equilibrado poderia recusar uma tal solução, principalmente depois da dolorosa experiência revolucionaria que já temos. Infelizmente não creio numa tal hipótese, porque os fatos lhe estão desmentindo a cada passo a possibilidade. Vossês estão, certamente, padecendo de um como daltonismo espiritual, que lhes faz enxergar tudo roseo. O arrôcho policial, a compressão do funcionalismo, a prisão de proceres da Frente-Única entregues exclusivamente ao trabalho eleitoral, o afastamento compulsório de outros dos lugares onde exercem influencia política, a censura à imprensa, e muitos outros fatos que vossês devem conhecer melhor que nós, tudo isso está bem mostrando quais são as verdadeiras intenções dos verdadeiros dominadores. Não estão dispostos a entregar as fichas. Tendo sacrificado ao poder todas as considerações de ordem moral e patriótica, o poder é tudo agora para eles, é quasi a propria vida. Isto é tanto mais certo, quanto ao interventor não falta nem inteligencia, nem perspicacia, para saber que os processos de violencia são contraproducentes que a força provoca a reação da força e que, pelo contrario, uma eleição relativamente livre, qualquer que fôsse o seu resultado, agindo como o escape de uma valvula de segurança, traria a paz ao Rio Grande.

Eu, pois, não tenho ilusões. O quadro está para mim muito claro. Mas repito: oxalá me engane e a razão esteja com vossês. De toda forma, praticamente, chegamos ao mesmo regulado. Vossês confiam na eleição e nós, ainda quando o não quiséssemos, teríamos de esperar por ela, se é que muito além não se terá de protrair a espera, dado que fracassem as esperanças eleitorais. Por ora tudo é incerto e precario e a nossa maior arma é ainda, como em 1930, o cumulo dos erros da ditadura. Eu, aliás, já aprendi a dominar a minha

Buenos Aires, 7 de Fevereiro de 1938

que me custe o exílio. A minha filosofia está me ensinando a extrair da desgraça, o lado bom que ela sempre encerra. Um ano de expatriação, além dos quatro meses que já levo, pois sómente assim eu poderia pôr em dia minha cultura, muito atrasada neste últimos dez anos de intensa atividade política, é deixar de

Como vêem, estou por tudo, e menos com tentar cumprir o que a consciência me aponta como um dever. Dada a contribuição do meu esforço a uma causa, estou satisfeito, produzam-se ou não, os resultados esperados. Nesta minha constante normal de conduta que explica que, não tendo eu gosto pela atividade política, principalmente no seu aspecto eleitoral, outras coisas não tenham sido feitas senão política.

Desculpe a extensão destas considerações, e necessária a definição da minha posição no momento atual. Quando houver, daqui lhe mandando um forte abraço, extensivo a todos os bons amigos e companheiros.

com efeito, do que podem o Rio Grande, retomando o seu caminho, mediante um simples plebiscito eleitoral, por mais árdua que fosse. Nenhum espírito são e edificadora poderia recusar uma tal solução, principalmente depois de algumas experiências revolucionárias que já temos. Infelizmente não creio numa tal hipótese, porque os fatos lhe estão demonstrando a cada passo a impossibilidade.

Vossas estão, certamente, padecendo de um como daltonismo espiritual, que lhes faz enxergar tudo roscado. O erro do processo oficial, a compressão do funcionalismo, a prisão de liberdade da Frente-Única entre outras exclusivamente a trabalho eleitoral, o afastamento compulsório de outros dos lugares onde exercem influência política, a censura à imprensa, e muitos outros fatos que vossas devem conhecer melhor que nós, tudo isso está bem mostrando quais são as verdadeiras intenções

dos vossas dominadores. Não estão dispostos a entregar as fichas. Tendo sacrificado ao poder todas as considerações de ordem moral e partidária, o poder é tudo agora para eles, é quase a própria vida. Isso é tanto mais certo, quanto ao interventor não faz nem inteligência, nem perspicácia, para saber que os processos de violência são contraproducentes que a força provoca a reação da força e que, pelo contrário, uma eleição relativamente livre, qualquer que fosse o seu resultado, ainda como o escape de uma válvula de segurança,

traria a paz ao Rio Grande. Eu, pois, não tenho ilusões. O quadro está para mim muito claro. Mas repito: oxalá me enganem e a razão esteja com vossas. De toda forma, praticamente, chegamos ao mesmo resultado. Vossas confiam na eleição e nós, ainda quando o não duvidassemos, teríamos de esperar por ela, se eu muito além não se terá de pretender a espera, dado que fracassarem as esperanças eleitorais. Por ora tudo é incerto e precário e a nossa maior arma é ainda, como em 1930, o cumulo dos erros da ditadura. Eu, aliás, já aprendi a dominar a minha